

só no dia 23.

negociar mais empréstimos com o Banco Mundial.

O BRASIL E O MUNDO

Dinheiro do jumbo, talvez

Ainda não conseguimos os US\$ 6,5 bilhões. Mas Delfim está-se prestando para viajar aos EUA para

Foi adiada mais uma vez a contratação do empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões, prevendo-se que a sua contratação só possa ocorrer a partir do dia 23. Por sua vez, o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, admitiu que o atual processo de "ajustamento" da economia brasileira poderá determinar o fechamento de algumas indústrias.

Em conversa ontem, em Brasília, com dois senadores norte-americanos, o líder republicano Howard Baker, e o presidente da Subcomissão de Política Econômica Internacional, Charles Mathias, o ministro da Fazenda afirmou que nos últimos dez anos o Brasil conseguiu um grande desenvolvimento industrial. No entanto, acrescentou, o período de transição tecnológica é muito doloroso e, por vezes, algumas indústrias precisam ser desativadas.

Conforme sugeriu Galvães, algumas indústrias brasileiras de ponta poderiam ser sacrificadas, de acordo com nova divisão internacional do trabalho, com os países ricos concentrando-se nos ramos mais sofisticados e as nações pobres produzindo bens industriais básicos, com têxteis, produtos siderúrgicos e couros.

Com esta nova divisão do trabalho, seria possível equacionar o problema da dívida externa, superior a US\$ 700 bilhões, dos países em desenvolvimento, na medida em que viabilizaria a ampliação do comércio.

De seu lado, o senador republicano Howard Baker pediu um "pouco de paciência", em relação a novas atitudes do governo norte-americano diante da crise mundial, garantindo que o presidente Ronald Reagan continuará a "ajudar os países amigos".

Galvães, a exemplo do ministro do Planejamento, Delfim Neto, adiou a viagem que deveria fazer amanhã a Nova York, para a assinatura do empréstimo-jumbo, e cujas negociações com 830 bancos se arrastam há vários meses. No entanto, o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, vai embarcar hoje, para ajudar o comitê de assessoramento a conseguir a adesão de alguns bancos.

Esta será a oitava viagem de Pastore aos Estados Unidos, desde que assumiu a presidência do Banco Central, no segundo semestre do ano passado. Seu antecessor, Carlos Geraldo Langoni, demitiu-se do cargo, alegando não acreditar na política econômica em vigor, entre outras coisas porque não seria possível levantar os recursos necessários junto aos bancos internacionais.

A viagem de Delfim

De seu lado, o chefe da Assessoria do Planejamento, embaixador Botafogo que o ministro Delfim Neto deverá ir a Nova York no dia 20 para entrevistar-se, nos dias 23 e 24 com o presidente do Banco Mundial, Alden Clausen, e participar da assinatura do jumbo.

Se a assinatura for na quarta-feira, dia 18, "uma possibilidade que ainda não foi afastada", o embaixador acredita que o ministro do Planejamento poderá tomar duas decisões; ou ir a Nova York apenas para o ato, retornando em seguida, e seguindo posteriormente para o encontro do Banco Mundial, ou deixar de comparecer à assinatura do jumbo. "Neste momento, não tenho condições de antecipar qual a decisão que o ministro tomará."

Segundo Botafogo, além de entrevistar-se com o presidente do Banco Mundial, o ministro do Planejamento estará também com o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Ortiz Medina, e, provavelmente, com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, podendo também aproveitar sua estada em Washington para uma visita ao Departamento do Tesouro.

O objetivo da entrevista do ministro com o presidente do Banco Mundial é discutir a política de financiamento da instituição ao Brasil este ano, dentro da nova ótica da concessão de recursos também a setores da economia e não apenas a projetos específicos.

Esta estratégia, iniciada em fins de 1982 e desenvolvida com maior ênfase no ano passado, resultou em desembolsos efetivos de US\$ 1,2 bilhão em 1983, e na contratação de novos projetos no montante de US\$ 2,0 bilhões, constituindo-se em elo de ligação entre o programa de ajustamento de curto prazo, receitado pelo Fundo Monetário, e a necessidade de uma retomada do crescimento da economia, no médio prazo.

Botafogo explicou que a conversa do ministro do Planejamento com o presidente do Bird será essencialmente política, mas a partir da definição dos parâmetros, há um estoque de projetos prontos para serem implementados nos diversos segmentos da economia, inclusive um de eletrotermia, outro de eletrificação rural e um terceiro na área da agricultura.

Ele disse que não está acompanhando no dia-a-dia a evolução das adesões dos bancos ao jumbo de US\$ 6,5 bilhões, razão pela qual não soube informar qual o montante já comprometido.

Assegurou, no entanto, que o fato de o governo ter recorrido a bancos argentinos e chilenos para a complementação do jumbo não deve ser considerado algo excepcional ou fora de rotina, pois todos os bancos que normalmente negociam com o Brasil foram incluídos na lista inicial dos 800 destinados a serem contactados para participar da operação.